

NM

Notícias da Marioneta | NM12 | setembro 2024

Há uma Revolução no Museu da Marioneta

Neste número, celebramos 50 anos
de uma Revolução que também aconteceu
no mundo das marionetas.

A Revolução das Marionetas | 1970-1980

P4 No mundo das marionetas P5-9 Tema – Há uma Revolução no Museu da Marioneta P12 Coleção – Soldado e Arpia P13 Outras coleções – Museu das Marionetas do Porto P14-15 A vida no Museu

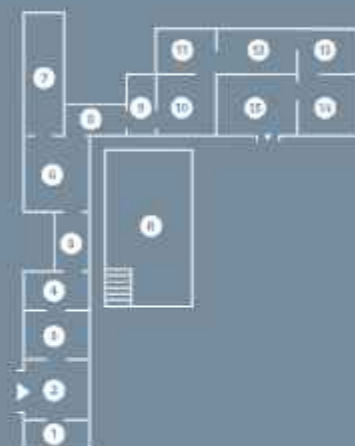
A NM está disponível no Museu da Marioneta e em vários locais da cidade. Pode também recebê-la por correio, deixando-nos a sua morada em museu@museudamarioneta.pt

Nas salas do antigo Convento das Bernardas há marionetas e máscaras de várias partes do mundo. A visita ao Museu é como uma viagem por lugares próximos e distantes, em diferentes épocas.



Diabo

Marioneta de varão e fios
Autor: José Carlos Barros
Peça: Auto da Barca do Inferno (Gil Vicente)
Fibra de vidro, poliestireno, tecido, metal,
pelo sintético
70 x 30 x 25cm
Coleção Associação Cultural
Marionetas de Lisboa



- 1 Marionetas de Java, Indonésia. Wayang Golek
- 2 Máscaras e marionetas da Tailândia, Java e Bali
- 3 Sombras. Máscaras e marionetas do Sri Lanka
- 4 Marionetas de vara da China, marionetas de fios de Mianmar e máscaras do Japão
- 5 Marionetas de água do Vietname
- 6 Marionetas da Europa
- 7 Sala Sogobô (marionetas e máscaras africanas)
- 8 Marionetas e máscaras da América Latina
- 9 Bonecos de Santo Aleixo, Alentejo, Portugal
- 10 Robertos e marionetas de fios portugueses
- 11 Marionetas de lã portuguesas
- 12 Marionetas portuguesas de lã e fios
- 13 Marionetas de São Lourenço
- 14 Marionetas portuguesas
- 15 Marionetas de cinema de animação
- 16 Reservas

NM - Notícias da Marioneta – Edição Museu da Marioneta

Direção Ana Paula Rebelo Correia Coordenação editorial Andreia Santos Textos Ana Paula Rebelo Correia, Andreia Santos, António Viana Documentação Rita Luís Fotografias Rodrigo Tiago, José Fraide, Nuno Silva, Nuno Freire, Susana Neves Design Gráfico BluumDesign

Na capa deste número da NM, um diabo de olhos bem abertos, dá as boas-vindas ao leitor. É o condutor intemporal da Barca do Inferno, tão bem descrita por Gil Vicente. Movido por um varão na cabeça e por fios nos braços e mãos, consegue múltiplos movimentos para a melhor navegação da sua barca. A sua fisionomia inspira-se numa das gárgulas do Mosteiro dos Jerónimos. Como bom diabo, pertence a todas as épocas, mas nasceu nos anos 80 e é uma das marionetas protagonistas da exposição temporária A REVOLUÇÃO DAS MARIONETAS | 1970-1980, que pode ver no Museu da Marioneta até 20 de outubro.

A palavra «revolução» reveste aqui um sentido de transformação, mudança, abertura a novas linhas de pensamento e de possibilidades de expressão, quer sejam plásticas, técnicas ou narrativas. No campo da marioneta em Portugal, esboçam-se timidamente ao longo dos anos 60, vão-se consolidando na década de 70, e nos anos 80, em plena maturidade, o teatro de marionetas é um laboratório de criatividade que esgota salas em espaços como a Fundação Calouste Gulbenkian ou o Teatro Nacional Dona Maria II.

Nesta Revolução das Marionetas reúnem-se pela primeira vez cerca de uma centena de peças de marionetistas portugueses, que marcaram a arte da marioneta nas décadas de 70 e 80, não só através de um novo interesse pelas formas tradicionais do teatro de marionetas, mas também, e sobretudo, pela visão alargada que trouxeram e que abriu caminho a uma inovadora configuração da expressão artística no campo da marioneta.

Movido por este sopro de criatividade, em setembro, o Museu organiza durante duas semanas uma oficina de construção de marionetas em fibra de vidro, orientada por José Carlos Barros, um dos mais originais e criativos criadores de marionetas, autor de muitas das peças em exposição, nomeadamente das marionetas da Barca do Inferno, das primeiras a serem construídas em fibra de vidro nos anos 80.

No espaço onde se encontra o Museu da Marioneta tudo evoca a ideia de mudança e de transformação. Antes de ser um espaço de cultura e diálogo, o Convento das Bernardas foi um local de recolhimento, silêncio, oração e clausura. É neste constante movimento transformador e cíclico, fundamental à vida do museu, que a partir de final de outubro, a antiga igreja, atual sala de exposições, passará novamente a sala de espetáculos, com uma programação de teatro de marionetas que irá até ao fim do ano.

Para lá dos destaques da programação, divulgados mensalmente, a equipa do Serviço Educativo organiza todas as semanas visitas orientadas à exposição temporária e ao Museu, onde pode percorrer a história da marioneta em várias partes do mundo.

Ao longo de todo o ano, há visitas e oficinas diversificadas, pensadas para um vasto leque de públicos, de todas as idades. E uma equipa sempre disponível para a/o receber.

Bem-vindos ao Museu da Marioneta.

Ana Paula Rebelo Correia
Diretora

— No mundo das marionetas

Portugal

**Feira da Dieta
Mediterrânica
de Tavira**

A Feira da Dieta Mediterrânica, que regressa a Tavira de 5 a 8 de setembro, conta com a presença de várias manifestações inscritas no Inventário Nacional do Património Cultural Imaterial – entre elas, o Teatro Dom Roberto, uma forma popular de teatro de marionetas em Portugal. Há também espetáculos de marionetas e formas animadas – a companhia Universo Paralelo marcará presença com *Jacarandá*, um espetáculo sem palavras e uma coprodução com o Museu da Marioneta. O Museu da Marioneta também estará presente, na Casa André Pilarte, com diversas oficinas e atividades para os mais pequenos aprenderem sobre a arte da construção e manipulação de marionetas.

Online

**Workshop
de construção
de marionetas**

Este workshop online, conduzido por Natacha Belova, oferece uma visão abrangente do processo de criação e performance de marionetas de manipulação à vista. Ao longo de oito vídeos, acessíveis por um ano após a inscrição, os participantes serão guiados desde o design inicial para a construção da marioneta até às técnicas de manipulação e apresentação em palco. Utilizando técnicas como escultura em argila para a cabeça e construção em espuma para o corpo, Belova explora não apenas os aspetos técnicos, mas também aspetos teóricos relativos às noções de forma, essenciais na criação de marionetas. Para participar, é necessária inscrição prévia na plataforma belova.podia.com. Os conteúdos estarão disponíveis em inglês e francês.

Festivais de marionetas, dentro e fora de Portugal

**Minneapolis Puppetry Palate:
A taste of puppetry**
De 15 a 18 de agosto | Minneapolis, EUA

Children's Puppet Festival 2024
De 2 agosto a 1 de setembro
Londres, Inglaterra

**99 Festival de Teatro de Marionetas
de Appenzell**
De 30 de agosto a 1 de setembro
Appenzell, Suíça

Puppets in the Green Mountains
De 7 a 15 de setembro | Vermont, EUA

**Fora dos Eixos
Festival Internacional de Marionetas**
De 19 a 22 de setembro | Santa Maria
da Feira, Portugal

Marionetas na Cidade - Alcoaça
De 1 a 6 de outubro | Alcoaça, Portugal



Roberto
Museu da Marioneta
@José Frade

E na arte da marioneta em Portugal, o que aconteceu nos anos 70 e 80? O que se fazia, com que objetivo, por quem e para quem? Como e com quê? Onde estão? Estas perguntas, e a procura de respostas, foram o caminho que conduziu à realização da exposição *A Revolução das Marionetas | 1970-1980*, resultante da investigação sobre um período até agora pouco estudado no campo da marioneta – as décadas de 70 e 80.



António Talhinhos e Manuel Jaleca
com os Bonecos de Santo Aleixo.
Alentejo, anos 60
Fotografia de Henrique Delgado
Coleção Museu da Marioneta

A marioneta em Portugal nos anos 70-80, atravessou, sem dúvida alguma, uma revolução. Revolução de ideias, de vontades e de possibilidades, de objetivos, de técnicas e materiais, de estéticas, de narrativas e dramaturgias. Gil Vicente, Cervantes, António José da Silva, Charles-Ferdinand Ramuz, Igor Stravinsky, Norberto D'Ávila, Aquilino Ribeiro, narrativas populares e anónimas, são inspiração para peças de teatro de marionetas, cujos protagonistas surgem da imaginação e das mãos de artistas e marionetistas como Lília da Fonseca, Manuel Dias, Ildeberto Gama, José Carlos Barros, Helena Vaz, entre outros.

Não é evidente, museograficamente, contar uma revolução que aconteceu há 50 anos, fora da sua existência temporal, dos públicos da época, do entusiasmo e dos riscos das novas experimentações teatrais no campo da marioneta. Há o risco de se tropeçar numa narrativa sobretudo cronológica e factual, afastada da ideia de teatro, da vibração da interação com o público, da surpresa efémera do momento. A dinâmica cenográfica, o diálogo entre a marioneta e o espectador, as várias marionetas em confronto umas com as outras, como acontece num elenco de uma Companhia de Teatro, a própria plasticidade inovadora das personagens, eram temas que queríamos partilhar e mostrar, embora grande parte das marionetas há muito não atuassem, muitas delas tendo vivido os últimos 30 anos encaixotadas. A vasta experiência de António Viana, simultaneamente como artista plástico e como cenógrafo / museógrafo, ou nas suas próprias palavras "coreógrafo" de exposições, bem como o gosto e conhecimento que tem do universo da marioneta, da sua escala e diversidades, trouxe-nos uma solução na qual o tempo e a relação visitante-objeto (ou visitante-visitado) surgem invertidos. A entrada na sala faz-se lateralmente através de um pequeno corredor criado para o efeito. Ao entrar no espaço expositivo, o público do século XXI é acolhido por um dos principais protagonistas desta revolução das marionetas, a Companhia Marionetas de São Lourenço e o Diabo que, tal como atores num palco, acolhe os espectadores. A partir daí, sem necessidade de guião cronológico, há uma total liberdade no percurso entre as várias peças

expostas, porque em todas se vai ao encontro das metamorfoses da marioneta durante estas duas décadas de fértil criatividade.

A Companhia Marionetas de São Lourenço e o Diabo, que comemora meio século de existência este ano, tem uma ligação particular e indissociável da história do Museu da Marioneta, uma vez que foi o acervo da Companhia que deu origem ao Museu.

A Companhia é criada a 10 de agosto de 1974, Dia de São Lourenço, a partir de um primeiro projeto de teatro de marionetas, a Companhia de Ópera-Buffa, fundada um ano antes por Helena Vaz, artista plástica, encenadora e criadora das marionetas, José Alberto Gil, músico e escritor das letras e músicas, e o tenor Fernando Serafim. Tinham como objetivo reconstituir o espírito e as características da ópera-buffa do século XVIII, e ao mesmo tempo integrá-los no teatro de marionetas contemporâneo, em interação com outras disciplinas. Pretendia-se retomar as antigas características do teatro de marionetas, com o seu lado irreverente e subversivo, alheio a uma padronização do teatro e, ao mesmo tempo, fundir a raiz estética ancorada em processos arcaicos com as novas linguagens contemporâneas, nomeadamente no campo da encenação e da música, no sentido de suprimir as fronteiras entre o erudito e o popular, entre o lúdico, o crítico e o pedagógico. Os temas iam da mitologia clássica, partindo do repertório setecentista das óperas para marionetas de António José da Silva, "O Judeu", até ao famoso Dom Quixote de Cervantes, que António José



Atuação das Marionetas de São Lourenço durante uma digressão no Concelho do Setúbal em julho de 1980. Fotografia cedida por Helena Vaz

da Silva também encena para marionetas e que Helena Vaz vai recriar numa das suas peças. As peças eram interpretadas por marionetistas, cantores e músicos.

Na construção das suas marionetas Helena Vaz recusava os materiais ditos "modernos", como o plástico. As cabeças das marionetas são em barro, os cabelos em palha ou fibras têxteis, as estruturas em madeira e metal. As roupas e adereços eram realizadas com materiais do quotidiano reciclados – abanicos e chapéus de palha, feltros e flanelas, tecidos de algodão e plumas de espanador. Paralelamente, fez-se também um importante trabalho de reconstituição de maquinaria de cena: máquinas do vento, das nuvens, do mar, da tempestade, foram construídas seguindo os modelos utilizados no teatro tradicional itinerante.

Em 1976/77, graças a uma bolsa de estudo atribuída a Helena Vaz pela Fundação Calouste Gulbenkian, é também construída uma carroça teatro, que podia ser puxada por um trator ou pelo cavalo "Gaiato", e com a qual nos meses de verão percorriam o país fazendo espetáculos. Até finais dos anos 80, a Companhia realizou espetáculos nas mais remotas aldeias do interior de Portugal, em pequenas salas de sociedades recreativas nacionais, mas também na Fundação Calouste Gulbenkian perante centenas de pessoas. Em dez anos internacionalizou-se e atuou em grandes teatros de ópera em Espanha, França, Inglaterra, Bélgica, Alemanha, Suécia e Áustria. Era uma tipologia de teatro de marionetas pioneira que, em Portugal, abriu as portas à marioneta contemporânea.



Em finais da década de 70, José Carlos Barros, fundador do Grupo de Teatro Perna de Pau, criado em 1972, dá início a um projeto original e ambicioso: construir em chapa metálica o elenco de protagonistas do Dom Quixote de Cervantes, a partir da narrativa setecentista de António José da Silva "O Judeu", *Vida do Grande D. Quixote de la Mancha e do Gordo Sancho Pança*. Estas marionetas, realizadas ao longo de dez anos, todas datadas e assinadas, são um caso único na arte da marioneta do século XX. Pessoas e animais são construídos em metal e tecido, formando um elenco de trinta personagens (dos quais se expõem 25) de uma surpreendente expressividade. Os materiais utilizados – cobre, latão, zinco e ferro – representam as classes sociais dos vários protagonistas da narrativa. Nobres e fidalgos são em cobre e latão, a classe média em zinco com alguns apontamentos em cobre ou em latão, o povo em zinco e ferro. Com grande engenhosidade, elementos comuns de uso quotidiano fazem parte do corpo humano: ferragens de puxadores e de fechadura são nariz e olhos de Dulcineia, botões e rodas dentadas de relógio formam os olhos da ama de Dom Quixote e de Sanchica, o esfregão de palha de aço é o cabelo de Teresa, mulher de Sancho Pança, porcas e parafusos dão forma aos olhos e nariz de Sansão Carrasco.

Imaginação e criatividade ilimitadas conjugam-se com o domínio da técnica e com um entendimento das anatomias e da psicologia que torna reais as formas mais fantasistas, não só nas fisionomias humanas como também na expressão dos animais. A resignação do burro de Sancho Pança, curvado sob o peso do seu amo, a fantasia cega e ilusória do cavalo de Dom Quixote, alter ego do seu cavaleiro, o ar feliz do cavalo da fidalga ou a expressão orgulhosa do cavalo de Sansão Carrasco, todos contam, nas suas morfologias, onde se situam na sua existência. Cada marioneta transmite a personalidade da personagem que representa e são de imediato identificáveis, como Teresa,

Dom Quixote | 1983
Autor: José Carlos Barros
Zinco, cobre, latão, polímero, tecido, couro
Coleção Museu Nacional do Teatro e da Dança
MNT261274.8 / MNT 261274.6

robusta e de feições boçais, Dulcineia e a fidalga esguias e altivas, ou Dom Quixote, que nos cativa com o seu olhar ingénuo e simultaneamente de espanto e conquista. Os arames, em cobre, latão ou zinco, transformam-se em cabelos, bigodes, barbas, sobranceiras, encaracolados, crespos, lisos ou ondulados.

Estas marionetas, de uma qualidade ímpar, seduziram Madalena Perdigão, que deu um forte apoio à sua apresentação na Fundação Gulbenkian. Pela primeira vez construiu-se uma estrutura cénica especificamente concebida para um espetáculo de marionetas de varão. Pensada como um andaime de alumínio, permitia aos manipuladores estar num plano superior e manipularem as marionetas num plano de palco a cerca de um metro e trinta do chão. A estrela teve um sucesso estrondoso, seguindo-se sessões sempre esgotadas.

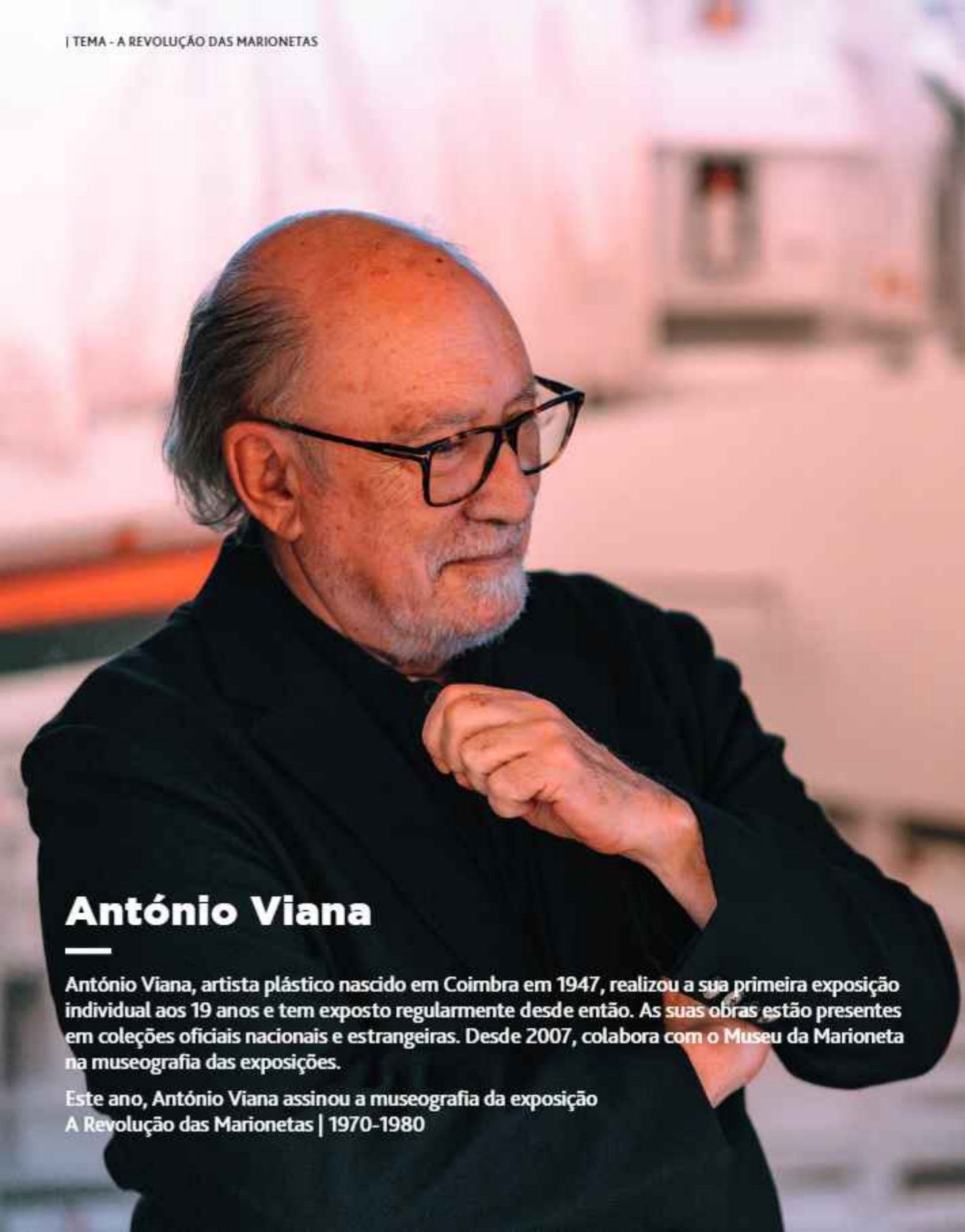
Em dez anos, aproximadamente entre 1968 e 1978, desenvolve-se um interesse crescente pela marioneta: estuda-se, recuperam-se repertórios antigos, criam-se dramaturgias, reinventam-se tipologias de marioneta, investigam-se novos processos de criação plástica e manipulação, procuram-se apoios de instituições, faz-se marioneta de rua e de sala, trabalha-se com músicos e com orquestra, encontram-se novos públicos, de todas as faixas etárias e de vários níveis culturais.

Na exposição estão representadas as cinco Companhias mais representativas do que foi, nos anos 70 e 80, um projeto pioneiro de teatro de marionetas ao serviço da educação pela arte. É também nesta altura que jovens marionetistas e Companhias recuperam marionetas e repertórios antigos, como os Robertos (Trulê Marionetas) ou os Bonecos de Santo Aleixo (Cendrev).

Até 20 de outubro, pode ver no Museu da Marioneta, uma centena de marionetas protagonistas da **Revolução das Marionetas | 1970-1980**.



Polibio | Ca. 1980
Autora: Helena Vaz
Barro cozido, madeira, tecido, metal, algodão sintético
Coleção Museu da Marioneta



António Viana

António Viana, artista plástico nascido em Coimbra em 1947, realizou a sua primeira exposição individual aos 19 anos e tem exposto regularmente desde então. As suas obras estão presentes em coleções oficiais nacionais e estrangeiras. Desde 2007, colabora com o Museu da Marioneta na museografia das exposições.

Este ano, António Viana assinou a museografia da exposição **A Revolução das Marionetas | 1970-1980**

Um artista plástico a trabalhar a museografia é curioso. De que forma é que a sua bagagem das artes visuais permite conceber um espaço simultaneamente expositivo e museográfico?

A coincidência entre estas dimensões foi clara. Diria mesmo que poucos anos após o início da minha carreira como artista plástico, descobri o interesse de não estar só perante o «quadro de cavalete». A Instalação e a Performance, tornaram-se parte do meu discurso plástico. Apareceu o Museu, a peça e os mestres da segunda metade do século passado, que nessa área – a museografia – entre outras atividades artísticas, trouxeram ao conhecimento de todos nós um dos locais artísticos mais importantes do país, assim como um conjunto de novas intervenções. Falo da Fundação Calouste Gulbenkian, tive o privilégio de lhes escutar as lições. Achei que não devia separar o trabalho plástico da museografia. Alentendi, em definitivo, que qualquer exposição é um espetáculo. Diferem as «vedetas», os planos, e talvez as nuances cromáticas, mas a conceção da harmonia geral tem sempre que lá estar, no seu todo. Assim, considero-me muito mais um coreógrafo das minhas exposições do que um designer. Avallar a posição de uma representação tridimensional num espaço, mesmo que ela esteja integrada num guião cerrado, não varia muito da responsabilidade de equilibrarmos uma tela, ou fazer a marcação do ator no palco. Talvez, sem o saber, eu enfrente muitas vezes a tentação de reescrever o guião.

Como encara o desafio de expor marionetas de forma a captarem a essência e vivacidade que tinham em cena?

As marionetas para mim nunca perdem a sua expressão. Mesmo que a sua entrada em palco tenha outra «deixa», elas são sempre ativas e compete-nos dar-lhes a cor e a luz que vem dar um novo movimento à peça. Eu vejo-as sempre a representar para mim. É o caso da última exposição do Museu – as marionetas tomaram a liberdade dos seus manipuladores e saíram para outra cena.

Nesta exposição, a museografia surpreende pelo modo como se entra no espaço. Há algum aspeto nesta museografia que gostaria de destacar?

A Revolução das Marionetas | 1970-1980 levou-nos a experimentar uma nova abordagem da sala habitual de exposições. A entrada quase no centro da sala, oferece aos visitantes o percurso expositivo que melhor os satisfaz.

Usar uma nova intervenção nas paredes da sala – o trompe l'oeil de Juvenal José, a porta por onde não podemos entrar, do mesmo autor, as cortinas de cena pintadas e não autênticas, são algumas ilusões para que na verdade as marionetas vivam, elas próprias, e nós assistamos. Penso que esta posição de entrada na exposição provoca no espectador o oposto do habitual, que está a ser observado e não o contrário.

Se tivesse de fazer a museografia de uma exposição sobre a sua vida e a sua obra, que paleta de cores escolheria?

Ao longo da minha aventura de artista plástico, senti que ia alterando a paleta durante longos períodos. Como acontece? Os temas, os guiões, os locais, talvez tudo isso me tenha empurrado para a escolha de representações cromáticas muito diferentes. De uma paleta económica a um caleidoscópio de cores, tudo aconteceu na representação. O início de uma obra vive bastante das condições e dos fins que naturalmente queremos atingir. Por isso, acho que a fase presente vive um momento de menos aventura colorida, mas sempre coerente com o risco. A improvisação é hoje cada vez mais estudada, mais calculada. A última exposição do Museu da Marioneta, levou-me a estudar muito detalhadamente a época 1970-1980. Todas as épocas têm cromatismos próprios. Finalmente acabo por não saber responder concretamente à pergunta. Vamos deixar em BRANCO.

No trabalho de musealizar marionetas, há alguma experiência que queira destacar?

A possibilidade de ter sido convidado em 2016 para construir uma instalação na Cordoaria, usando unicamente marionetas portuguesas, foi sem dúvida o meu desafio preferido. Gostei de pensar nas Aventuras do Gulliver, que adorei ler na minha infância, e modelar o espaço às descrições de Jonathan Swift. A partir desse acontecimento, acho que as marionetas do Museu me passaram a conhecer. Gosto que me tratem por tu...

Existe alguma exposição que ainda não realizou e que gostaria muito de concretizar?

A introdução nas minhas exposições/instalações das peças sugestionadas a um guião puramente artístico, não necessariamente documental. A peça constrói e acumula-se à ideia. Talvez seja essa a minha utopia criativa.

1 Soldado

Autora: Helena Vaz
Portugal, 1982
Barro cozido, madeira, tecido,
metal, plumas, algodão sintético

2 Arpia ou Harpia

Autora: Helena Vaz
Portugal, ca 1980
Barro cozido, madeira, tecido,
algodão sintético



No ano em que a Companhia Marionetas de São Lourenço e o Diabo faz 50 anos, destacamos duas marionetas de manipulação à vista, criadas por Helena Vaz, para duas peças de teatro muito diferentes. Ambas revelam a importância que Helena Vaz atribui à expressão fisionómica das suas personagens, de um dramatismo expressionista marcante quer se trate de uma figura humana, como o soldado, ou de um ser mitológico, como a Arpia.

O soldado é o protagonista da *História do Soldado*, composta por Igor Stravinsky em 1917, a partir de texto de Charles-Ferdinand Ramuz. Inspirado num conto popular russo, conta a história de um soldado desmobilizado que vende a alma, simbolizada pelo seu violino, ao diabo, em troca de um livro onde podia prever o futuro. Numa Europa devastada pela guerra, a história sensibiliza o imaginário coletivo e Stravinsky teve um forte sucesso. Em junho de 1982, a Companhia São Lourenço e o Diabo encena a peça para teatro de marionetas e estreia no Teatro Nacional de São Carlos, no âmbito das comemorações do centenário de Stravinsky. As marionetas eram manipuladas por Helena Vaz e Teresa Gata, com vozes de João Perry, Virgílio Castelo, Fernando Serafim e José Alberto Gil, acompanhados por sete músicos, dirigidos por Leonardo de Barros.

A Arpia é uma das personagens da peça os *Encantos de Medeia*, encenada a partir do texto setecentista de António José da Silva. A peça foi representada pela primeira vez em 1991, no Teatro Académico de Gil Vicente, pela Companhia São Lourenço e o Diabo. Grande parte das marionetas, realizada na década de 80, esteve exposta na Fundação Calouste Gulbenkian em 1984.

Até 20 de outubro, o Soldado e a Arpia estão na exposição A Revolução das Marionetas | 1970-1980.



João Paulo Seara Cardoso
1956-2010 (fundador)

"A marioneta é um corpo inerte, altamente inflamável. O ator confia-lhe a chama da vida. De uma forma intermitente. Assim, ela permanece num limbo entre a vida e a morte."



Fotografia Susana Neves

Museu das Marionetas do Porto

No Porto há um muito interessante Museu de Marionetas que tem uma particularidade: pertence a uma Companhia de Teatro de Marionetas: as Marionetas do Porto. Esta ligação Companhia de Teatro e Museu, única em Portugal, marca a singularidade de ambos pela dinâmica que estabelece entre a marioneta musealizada e a marioneta em ação. O Museu, que é um museu de autor, surgiu da vontade de João Paulo Seara Cardoso (1956-2010), fundador das Marionetas do Porto, encenador e diretor artístico, que considerava fundamental ter, em paralelo com a sua Companhia, um Museu das Marionetas que preservasse e partilhasse com o público não só a história da Companhia, mas também a arte da marioneta, nas mais diversas vertentes. Inaugurado em 2013 sob a direção de Isabel Barros, o acervo do museu ilustra o percurso de 36 anos de constante trabalho criativo das Marionetas do Porto, cuja primeira apresentação foi em 1988.

O acervo é composto por materiais com datas desde 1988 e é marcadamente dinâmico, integrando as peças dos espetáculos criados pela Companhia, que regista

mais de 50 espetáculos. As marionetas, objetos, figurinos, adereços, juntam-se cartazes, estudos, ilustrações, fotografias e outros materiais gráficos que testemunham a produção artística da Companhia. O acervo pode ser consultado através do site.

Na exposição atual, podem ver-se obras emblemáticas da Companhia, como *Miséria*, *Teatro Dom Roberto*, *Vai no Batalha*, *História da Praia Grande*, *Óscar*, entre outras, onde se descobre o mundo surpreendente do teatro de marionetas, dos seus adereços, cenários e narrativas.

E saindo do Museu, certamente com muita curiosidade em ver as marionetas a atuar, tem logo ao lado o Teatro de Belomonte, sede da Companhia, com uma programação pontual de teatro para os mais diversos públicos. Um Museu e um teatro de bolso, a descobrir, em pleno centro histórico da cidade do Porto.

Museu das Marionetas do Porto | Rua de Belomonte, n.º 61, Porto
marionetasdoporto.pt



Conhecer o Museu, peça por peça

Se há alguém que conhece de cor e de olhos fechados cada uma das mais de três mil marionetas e máscaras que compõem o acervo do Museu da Marioneta, é Rita Luís – responsável pelo Centro de Documentação e apoio indispensável a todas as exposições do Museu.

Formada em Língua e Cultura Portuguesa pela Universidade de Letras e com pós-graduações em Ciências Documentais, Museologia e Museografia, a Rita faz parte da equipa do Museu da Marioneta desde 2017. Entrou para o Museu com a missão de fazer a catalogação de documentação adquirida aos marionetistas Francisco Mota, Alexandre Passos e Isabel Andrea, mas, sete anos mais tarde, a sua tarefa é bem mais vasta. Hoje, como responsável pelo Centro de Documentação, a Rita organiza o processo de recolha e tratamento do material

de carácter documental relacionado com o espólio do Museu, aconselha os investigadores que nos visitam e acompanha todo o processo de montagem das exposições, sobretudo a nível documental. É da sua responsabilidade o inventário das peças do museu, feito meticulosamente para cada peça que integra a Coleção, sendo essencial a sua sistemática verificação e atualização para a correta elaboração dos catálogos e textos do Museu. Dentro da sua área, a Rita tem um leque de múltiplas competências ligadas à preservação e documentação das marionetas a partir do momento em que integram o Museu. Entre as inúmeras marionetas que já passaram pelas suas mãos, destaca-se a favorita: uma marioneta de luva que retrata Luís Vaz de Camões, da autoria de Maria Emília Perestrelo.

Espetáculo

Hansel e Gretel

Que motivos teve a Bruxa para se esconder na floresta? *Hansel e Gretel* combina tradição e contemporaneidade para explorar questões atuais. Partindo do conto homónimo dos irmãos Grimm, o espetáculo reinterpreta a jornada transformadora dos protagonistas e questiona o significado de «Bruxa» e a sua associação ao feminino. Com música ao vivo e uma abordagem que desobedece o convencional na relação plateia-palco, *Hansel e Gretel* convida a reconsiderar conceitos e encontrar novas perspetivas, refletindo sobre consumo, género e a transição para a vida adulta.

Sábado, 27 de outubro | 16h

Domingo, 28 de outubro | 11h30

Classificação etária M/6 | Duração 55 min.



Direção artística Sara Henriques e Rui Rodrigues **Encenação** Sara Henriques **Desenho, engenharia cénica e construção de marionetas** Rui Rodrigues **Texto, dramaturgia, interpretação e manipulação** Sara Henriques **Música e interpretação ao vivo** Pedro Cardoso **Assistência de encenação e vídeo** João Garcia Neto **Assistência de produção e palco** Ana Gavina **Apoio ao movimento** Paula Moreno **Desenho cénico** Sara Henriques e Rui Rodrigues **Ilustração** João do Vale **Méda arqueologia, animação, modelação 3D e consultoria** Jorge Duarte **SA Animação 2D** Fernando Sousa **Desenho de luz** Felipe Silva e Rui Rodrigues **Desenho de Figurinos** Pedro Ribeiro **Produção** Red Cloud **Teatro de Marionetas** Coprodução Teatro Avelrense, Câmara Municipal de Aveiro **Apoio** Direção Geral das Artes / Governo de Portugal **Parcerias estratégicas** Tecnologias Imaginadas e Propsallprops **Sinergia** Oficina de Reparações - IV Encontro de Cultura Visual

Em breve

exposição temporária

A Revolução das Marionetas

Até 20 de outubro
3€ (exposição temporária)

para os mais novos

Visita-Jogo **Museu Secreto**

Sábado, 21 de setembro
15h-17h

Para crianças dos 8 aos 12 anos
6€ (1 criança + 1 adulto)

visitas orientadas

A Revolução das Marionetas

Visita orientada pela equipa
do Serviço Educativo

Sábado, 28 de setembro
11h-12h

M/6 | 6€ bilhete único

Manhã Criativa

Histórias Matreiras

Domingo, 29 de setembro
10h30-12h30

Para crianças dos 6 aos 12 anos
6€ (1 criança + 1 adulto)

Visita orientada pela diretora
do museu

Sábado, 14 de setembro, às 15h
Quarta, 9 de outubro, às 11h

M/12 | 6€ bilhete único

Mais informações, marcações e reservas museu@museudamarioneta.pt

museudamarioneta.pt   / [museu_marioneta](https://www.instagram.com/museu_marioneta)

Museu da Marioneta

Direção Ana Paula Rebelo Correia (diretora) Maria Carreilhas (adjunta da direção) Comunicação Andreia Santos Centro de Documentação Rita Luis
Serviço Educativo Ana Rita Mateus, Antónia Alves, Filipa Camacho, Joana Braz, Pedro Valente, Rafael Alexandre Secretariado Lina Gonçalves
Loja/Bilheteira Diogo Ferreira, Sara Gertrudes Produção, Luz e Som Rui Seabra